



www.delfimsantos.org

Delfim Santos: introdução ao pensamento filosófico e pedagógico

António Quadros (1989)

Leonardo, Ano 2, num. duplo, Lisboa, set. 1989, 22-29, 91.

O pensamento é um modo insuficiente do ser na sua compreensão do ser total.

Filosofia Existencial - Fragmentos, publ. postumamente, s/data.

Não há homem, mas sim homens.

Temática da Formação Humana, 1961.

1 - Delfim e o magistério de Leonardo

Baseado não só no fogo contagiante da sua oratória entusiástica, na força e na originalidade de um sistema de pensamento próprio e original, o criacionismo, ou na sua cultura prodigiosa em domínios como a filosofia, a matemática, a física, a literatura, as ciências humanas, mas também na forma como convivia fora das aulas com os seus melhores alunos, ao modo dos pensadores gregos – o magistério de Leonardo Coimbra despertou como se sabe algumas excecionais vocações filosóficas.

De entre os seus discípulos neste campo, foram sobretudo Augusto Saraiva, José Marinho, Álvaro Ribeiro, Sant'Anna Dionísio e Delfim Santos que nos deixaram uma herança de pensamento, aliás muito longe ainda de devidamente estudada e analisada.

Da *Teoria do Ser e da Verdade*, de Marinho e de *A Razão Animada*, de Álvaro Ribeiro até às *Reflexões sobre o Homem*, de Saraiva, aos *Pensamentos* e às obras de exegese filosófica de Sant'Anna Dionísio, e às perspetivas epistemológicas, ontológicas, existenciais de Delfim Santos, que de riqueza de ideias ainda por explorar!

Aqueles que mais profunda e persistentemente elaboraram um *corpus* coerente de ideias, Marinho, Álvaro e Delfim, seguiram caminhos bem diferentes. O primeiro veio a desenvolver um verdadeiro sistema ontológico e fenomenológico na citada *Teoria do Ser e da Verdade*, em que o pensamento se aduna a um diálogo com o transcendente, uma abertura, como ele dizia, pneumatológica, senão mística, nas suas conceções da *visão unívoca* e de Deus como *Insubstancial Substante*. O segundo privilegiou a antropologia na sua relação com a teologia, desenvolvendo um racionalismo dinamizante, de signo aristotélico, a conceção da filosofia como uma arte, o conceito do homem como uma razão animada, ou uma teoria do conhecimento em que o sófico-racional é alimentado por um gnósico-plurifacetado e

por um pístico-teológico, por seu turno sempre conferidos pela exigência de uma razão analítica, sintética e teleológica.

Ambos postularam culturalmente a existência de uma filosofia portuguesa, baseando-se na relação intrínseca e vinculativa do pensamento, universal nos seus fins, mas situado nos seus meios, à língua que o veicula ou molda e à estrutura cultural que lhe dá raízes e em cujo campo se desenvolve.

E quanto a Delfim Santos?

Delfim Santos é a nosso ver o protagonista de um diálogo fecundo, o diálogo do pensamento português com a filosofia alemã, do qual vieram a resultar uma crítica e uma fundamentação teóricas de grande qualidade, estimulantes em aspetos essenciais para a nossa cultura ou para a nossa criatividade filosóficas.

É curioso observar que os primeiros escritos de Delfim Santos, era ainda estudante universitário e nos primeiros anos da sua formatura, isto é, entre 1929 e 1932, foram de natureza espiritualista e cristã, numa linha de pensamento protestante e evangélica, tendo sido publicados, quase todos, na revista portuense, ligada à Igreja Evangélica, intitulada precisamente *Portugal Evangélico*.

Dadas as tradicionais relações da teologia reformada ou protestante com algumas facetas mais características do pensamento germânico, em geral voluntarista e imanentista, não é para admirar que ao contrário da tendência habitual da cultura portuguesa para privilegiar o diálogo com a cultura francesa, Delfim Santos antes tenha escolhido o estágio em centros de estudo predominantemente austríacos e alemães.

Entre nós tivéramos, é certo, o exemplo de Antero de Quental, que no entanto foi mais um pensador inspirado pela influência de algumas linhas da filosofia germânica do que um sólido conhecedor e exegeta, como Delfim Santos, estudando as obras na sua língua original e tomando contacto pessoal com notáveis mestres da filosofia alemã do seu tempo, no período particularmente criativo em que alguns deles, como Husserl, Jaspers e Heidegger, criticavam e punham em causa os próprios fundamentos do racionalismo que tanto apaixonara Antero.

O ambiente mental português, sobretudo depois da reforma educativa de 1911, fora excessivamente marcado pelo positivismo francês, ao modo de Augusto Comte e de Littré, divulgando-se uma "vulgata" positivista que julgava encontrar na Idade Positiva ou Científica em que teríamos entrado, depois da Idade Teológica e da Idade Metafísica, todas as respostas para as grandes interrogações humanas. Contra esta perspetiva simplificadora e reducionista que atribuía às ciências particulares uma função totalizante para que não podiam estar vocacionadas, ao mesmo tempo que punha de lado com excessiva facilidade os contributos metafísicos, ontológicos ou





www.delfimsantos.org

mesmo teológicos, se dirigira a crítica acerada de Sampaio Bruno e de Leonardo Coimbra. Esta questão foi estudada exaustivamente num dos primeiros livros de Álvaro Ribeiro, *Os Positivistas*.

Nos nossos escritores de ideias da época, com as exceções de Teófilo Braga e de Teixeira Bastos, o positivismo fora muito mais uma ideologia de combate, fomentada pela propaganda republicana e anticlerical nos ambientes lisboetas dos últimos anos da Monarquia e dos primeiros da República, de que uma séria reflexão filosófica que pudesse fundamentar devidamente o desenvolvimento entre nós dos estudos científicos. Neste ponto só Leonardo, sensivelmente entre 1912 e 1930, viria a abrir as primeiras pistas importantes, principalmente em *Criacionismo* (Livro I), *O Pensamento Criacionista*, *A Razão Experimental* ou *Notas sobre a Abstração Científica e o Silogismo*.

2 – A Situação Valorativa do Positivismo

Em contacto com os neopositivistas da Escola de Viena, foi possível a Delfim Santos rever a fundo toda esta problemática e deste modo nasceu a sua primeira obra de fôlego, de 1938, intitulada *Situação Valorativa do Positivismo*. É um clássico do pensamento português e permanece um dos seus melhores trabalhos, sólido na sua sistematização, na sua argumentação, na sua crítica e na metodologia utilizada.

Se nos lembrarmos de que *positivismo* era até entre nós quase um sinónimo de *comtismo*, teremos de concluir que o título, parecendo enganoso, é subtilmente intencional, já que se trata de reconsiderar o ponto de partida epistemológico do positivismo, sim, mais precisamente para, desligando-o da visão de Auguste Comte, dele salvar e valorizar o que poderia ser salvo ou valorizado. Tal o propósito dos pensadores das Escolas de Viena, de Berlim e de Cambridge, desde Schlick, Reichenbach ou Wittgenstein, até Bertrand Russel ou Whitehead.

Aliás, o primeiro título da obra era *Situação Valorativa do Neopositivismo*, que parece mais correto em relação com o seu conteúdo, pois da filosofia da ciência sob as novas perspectivas neopositivistas efetivamente se trata, mas o seu autor tê-lo-á modificado tendo em atenção porventura a situação cultural portuguesa e a necessidade de abalar o nosso positivismo clássico, extrapolando-o para horizontes não completamente antagónicos, mas tão diferentes, que o fariam vacilar nos seus pressupostos ingénuos e ao mesmo tempo canalizar os porventura ainda capazes de uma revitalização, para a esfera epistemológica de onde nunca deveriam ter saído.

O livro é uma revelação, que desde logo coloca Delfim Santos na primeira linha do pensamento português, tal a cultura filosófica de que dá mostra e tal a facilidade e a precisão com que o autor aborda a problemática filosófico-científica. Passaram 50 anos, uma lacuna fundamental ficou com ele em grande parte preenchida, foi possível solidificar entre nós a ponte entre a investigação científica e a



sua fundamentação epistemológica, mas quantos dos nossos investigadores ou cientistas o estudaram? É um erro flagrante imaginar-se que a ciência é possível, aí onde não parta de uma reflexão filosófica, aí onde a epistemologia não abra a um horizonte metafísico: Neste sentido, *A Razão Experimental*, de Leonardo Coimbra, ou *Situação Valorativa do Positivismo* deveriam ser obras de estudo obrigatório nas nossas Faculdades de Ciências, que mais depressa preparam professores ou técnicos, do que verdadeiramente cientistas, precisamente por falta de formação filosófica e epistemológica adequada.

A determinação do real

O que Delfim Santos procura e consegue no seu livro é de algum modo criticar com os neopositivistas o que chama a *intromissão abusiva do pensamento na realidade e a sua vanglória na afirmação de que as criações do pensamento correspondem identicamente aos objetos do mundo real por ele pensados*¹, para ao mesmo tempo sugerir uma convergência possível entre o idealismo e o realismo, ou mesmo entre a metafísica e a ciência positiva.

Escreve, efetivamente, que *uma das mais importantes consequências do neopositivismo é mostrar que o idealismo nos fornece demasiado muito e o realismo nos fornece demasiado pouco para a integral compreensão do universo, mas que o demasiado pouco que o realismo nos oferece nos dá talvez uma melhor possibilidade de melhor situação perante a realidade do que a que nos permite a riqueza fácil do idealismo.*

A seu ver, *pensar não é desenvolver uma ideia até aos seus possíveis limites nem conformar a realidade a determinado "ponto de vista". O primeiro trabalho que se lhe oferece é a "determinação da realidade" a que as ideias pretendem referir-se.*

E acrescenta: *Sem este preliminar, a metafísica perde o contacto com o que mais lhe importa e será então mais ou menos aquilo que o positivismo lhe chama.* Note-se, o que Delfim Santos defende nesta sua primeira fase, não é, como no positivismo comtiano, a eliminação da metafísica, vista como um voo nebuloso do espírito para paragens irrealis, mas a conotação do pensamento metafísico com a realidade sensível e com o seu estudo pelo método científico.

Então, e é a palavra conclusiva do ensaio, a metafísica deixará de merecer, pelo menos em muitos casos, o desdém dos pensadores da esfera científica e neopositivista.

Da epistemologia, de novo para a metafísica: fica pois aberto, no termo do primeiro livro de Delfim Santos, o itinerário que ele irá seguidamente percorrer. Na verdade, são numerosos os textos em que, criticando ainda mais claramente o

¹ *Obras Completas I*, 182.



www.delfimsantos.org

positivismo comtiano, Delfim Santos coloca a metafísica como o estágio mais alto na atividade mental orientada para o conhecimento e para a procura da verdade.

3 - Da Filosofia

Assim é que, logo no ano seguinte, 1939, o pensador conclui, ainda durante a sua estada em Berlim, o pequeno, mas denso livro, central na sua obra, intitulado *Da Filosofia*.

Deveria ser o primeiro volume de uma trilogia que, após *Da Filosofia*, integraria seguidamente outros dois volumes com os títulos, respetivamente, de *Do Homem* e *Da Metafísica*.

Este programa não chegou a ser realizado na íntegra, devido ao desaparecimento prematuro do Prof. Delfim Santos em 1966, mas os organizadores das *Obras Completas*², preencheram em parte a lacuna, não só reunindo sob a epígrafe precisamente de *Da Filosofia* numerosos ensaios dispersos ou inéditos que completam o livro com este título, como também juntando sob o título de *Do Homem* um núcleo não menos numeroso de textos sobre antropologia, psicologia e pedagogia, e enfim concluindo-as com o capítulo *Da Cultura* onde se podem ler os muitos escritos dedicados pelo pensador a temas literários, sociais e históricos, etc.

Poderia parecer à primeira vista que falta neste conjunto o que seria o fecho da abóbada, isto é, senão um livro, pelo menos um capítulo votado ao tema *Da Metafísica*; o estudioso e exegeta encontrará, no entanto, esparsos, ao longo destas *Obras Completas*, bastantes ensaios fundamentais onde se nos formula o que era ou para onde apontava o pensamento metafísico, de signo fenomenológico-existencial, de Delfim Santos.

Para este, como o sublinha desde logo na Introdução do livro *Da Filosofia*, há que distinguir entre *filosofia* e *metafísica*. O que é próprio da filosofia e do filosofar, atividade mental genérica, de certo modo anterior a toda a direção tomada, é antes de mais nada *buscar novos e rigorosos fundamentos a todo o saber humano*³ de um modo espontâneo e fresco, ou melhor, nas suas próprias palavras, como uma atividade não predeterminada por qualquer visão unilateral de um objeto.⁴

² Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, organização de Joel Senão e Rui Grácio, com a colaboração de José Marinho, J. do Prado Coelho, Alberto Ferreira ou Barahona Fernandes, entre outros, 1ª ed. - I vol., 1971, II vol., 1973; III vol., 1977.

³ *Obras Completas* I, 224.

⁴ *Ibid.*, 226.



www.delfimsantos.org

O que o filósofo observa é que não há adequação entre o pensamento e a realidade. Porquê? Trata-se de uma *radical inadequação ou de uma má posição do pensamento relativamente à realidade?*⁵

Na sua busca filosófica, o pensamento encontra, como obstáculos, diversas contradições, ou antes, aporias, tais as aporias do uno e do múltiplo, da essência e da existência, do ser e do nada, etc.

Se é “o ser enquanto ser” que interessa à filosofia, como diz, *então o primeiro caminho que se oferecer ao filósofo para evitar essa dificuldade*, escreve mais adiante. é tentar a determinação ontológica da realidade e, a seguir, assegurar a cada uma das suas regiões o tipo de conhecimento essencial que a pode penetrar.⁶

Trata-se, e aqui se inspira na fenomenologia husserliana, de num primeiro momento *decompor a realidade* e indicar a *extensão regional de cada uma das camadas que a compõem*, e de, num segundo momento, procurar *as categorias adequadas ao conhecimento de cada uma destas regiões*.

O método fenomenológico utilizado não nega a unidade do real, mas *determina a sua diversidade, que não pode ser integralmente traduzida por um mesmo, que se supõe elemento primeiro*.

Delfim Santos afirma pois, em *Da Filosofia*, uma exigência de rigor, muito do seu caráter, exigência que se ampliará noutro ensaio de mesmo ano a que chamou *Das Regiões de Realidade*. Sem esta exigência de rigor, pensava, é fácil cair-se na tentação do formular sistemas ou monismos que não tomam em devida consideração a fenomenologia autêntica de uma realidade inapreensível pelo senso comum, ou pelos excessos contrários ou contrapolares do naturalismo e do espiritualismo absolutos, um e outro pecando por não considerar a posição adversa. *Da Filosofia* é pois um esforço para a síntese ou para a transcendência das aporias do pensamento, esforço que se irá desenvolver num dos seus trabalhos mais importantes, de 1940, a dissertação de doutoramento intitulada *Conhecimento e Realidade*.

No prefácio de *Da Filosofia*, Delfim Santos situava ontologicamente, isto é, no plano do ser, os *sistemas do conhecimento e as regiões da realidade a que se ligam*.

E delimitava: *matéria, vida, consciência e espírito*. O estudo da sua fenomenologia sistematiza-se nas ciências ou saberes respetivos. A fenomenologia da matéria é estudada *pela física e ciências afins*; a da *vida* pela *biologia e ciências similares*; a da *consciência* pela *psicologia*; e a do *espírito* pela *metafísica*. Esta, sublinha, tem como objeto a *fenomenologia do espírito*, aliás o título de uma das obras fundamentais de Hegel.

⁵ *Ibid.*, 265.

⁶ *Ibid.*, 265-66.



4 - Conhecimento e Realidade

O trânsito das ciências particulares e da filosofia das ciências, ou da epistemologia para a metafísica, não pode prescindir no entanto, e é o tema central do livro *Conhecimento e Realidade*, de uma teoria do conhecimento.

Como escreve neste texto, *a busca dos fundamentos últimos do saber é a temática constante da filosofia, mas saber é um produto do conhecimento, e conhecimento uma das possíveis "relações entre saber e algo diferente"*,⁷ o que implica, acrescenta, *uma relação entre diversos*.

A seu ver, o movimento mental para o conhecimento deve partir do que chama um *mínimo gnosiológico*. Gnosiologia é entendida pelo pensador como a teoria ou a ciência do conhecimento, e o conhecimento é *uma relação entre heterogêneos na qual, e sempre, um deles é a consciência*.⁸

Se o objeto do conhecimento, a verdade, é alcançável num determinado nível (o das regiões particulares da realidade) pelas ciências, noutra nível (o geral ou o universal) são a ontologia e a metafísica que o podem aproximar.

Em qualquer dos casos, porém, o primeiro passo é o gnosiológico, porque, assevera, *a situação natural do homem é sempre gnosiológica, já que antes mesmo de poder concluir a existência da sua consciência o homem tem de realizar um esforço de conhecimento, e antes de compreender a relação entre a sua consciência e a realidade terá igualmente de realizar um esforço de conhecimento*.⁹

No final desta sua tese de doutoramento, Delfim Santos exprime o carácter prudente, cauteloso, seguro, não-aventuroso da sua atitude intelectual. O pensamento deve desprezar *os máximos que nada garantem*, o que é uma crítica implícita à ambição excessiva dos grandes sistemas idealistas ou positivistas, desde Kant ou Hegel até Auguste Comte, firmando-se antes em *mínimos de garantia*, como diz, a começar pelo "mínimo gnosiológico", isto é, *o mínimo fundamental de que os outros são dependentes*.

O mínimo gnosiológico é primário em relação ao "mínimo ontológico" e ao "mínimo metafísico". Mas este mínimo gnosiológico, princípio sólido do conhecimento, tem como função imediata, escreve, *o mínimo axiológico*, conotando pois o filósofo a *teoria do conhecimento com a teoria dos valores*.

É esta, distinguindo entre *valor e existência*, que nos permite (e assim conclui Delfim a sua tese) *o estabelecimento de uma axiomática valorativa a que deverá referir-se*

⁷ *Ibid.*, 349-50.

⁸ *Ibid.*, 350.

⁹ *Ibid.*, 351.



todo o complexo cultural. Em síntese, e servindo-se mais uma vez das próprias palavras do pensador, a filosofia afirma-se por uma *leitura* sistemática da realidade pelo pensamento, devendo este percorrer os seguintes estádios, aliás interdependentes e não obedecendo propriamente a uma cronologia: *gnosologia, ontologia, metafísica, axiologia.* Ou por outras palavras, sem uma teoria do conhecimento o filósofo não poderia aceder a uma teoria do ser e a uma filosofia da substância ou do espírito, mas é a axiologia, a teoria do valor ou dos valores, que confere uma direção ou um método seletivo ao movimento mental do filósofo.

5 - Das leituras filosóficas de Delfim à Síntese sobre o Pensamento Filosófico em Portugal

Se, como veremos, depois de *Situação Valorativa do Positivismo, Da Filosofia e Conhecimento e Realidade*, ele se foi aproximando cada vez mais de uma ontologia existencial, colhendo e desenvolvendo sugestões de Hartmann, de Husserl e nos últimos anos sobretudo de Heidegger, não posso deixar de referenciar o que foi o seu notabilíssimo trabalho de interpretação, exposição e apresentação ao público português culto, da obra dos maiores filósofos do seu tempo, lançando pois uma ponte entre a cultura portuguesa e as grandes linhas do pensamento europeu.

Logo em 1930, quando da sua vinda a Portugal para completar a *Análise Espectral da Europa* com um capítulo sobre o nosso país, expôs o pensamento de Hermann de Keyserling na revista portuense *Princípio*; em 1935 procurou em Paris Bergson, recentemente laureado com o Prémio Nobel, dando-nos três anos depois, com não disfarçada simpatia, o relato da sua longa conversa com ele na revista *Luminar*; depois de 1943 escreveu e publicou em boletins, revistas ou até em jornais, diversos sucessivos ensaios entre outros sobre Descartes, S. Tomás de Aquino, Nicolai Hartmann, P. W. Bridgman (que acabara de conquistar o Prémio Nobel da Física), Vladimir Jankélévitch, Nicolau Berdiaeff, Francisco Suarez, Giordano Bruno, Berkeley, Pascal, Husserl, Karl Jaspers, Georges Gusdorff, Pestalozzi, Ortega y Gasset, Hermann Hesse ou, repetidamente, Martin Heidegger.

Igualmente estudou a obra dos principais pensadores portugueses, nomeadamente Silvestre Pinheiro Ferreira, Oliveira Martins, Sampaio Bruno, Leonardo Coimbra, Vieira de Almeida ou Fidelino de Figueiredo.

Em 1946 apresentou no volume coletivo *Portugal*,¹⁰ uma síntese histórica, sucinta e com objetivos de divulgação para uma vasta audiência, que intitulou *O Pensamento Filosófico em Portugal*. Nesse trabalho esboçou como que o retrato mental, a traços largos, de 21 pensadores que considerou os mais importantes entre nós, desde Pedro Julião ou Pedro Hispano, que viria a ser o malogrado Papa João XXI, até

¹⁰ Ed. SNI, constituída por sinopses históricas dos principais aspectos da cultura portuguesa.



www.delfimsantos.org

Leonardo Coimbra, passando por D. Duarte, Leão Hebreu, Francisco Sanches, Pedro da Fonseca, Amorim Viana, Cunha Seixas, Antero de Quental, Bruno ou Ferreira Deusdado, entre os principais.

Na conclusão deste trabalho apontou o que considerou os nódulos fundamentais do pensamento português: uma atitude ambivalente, entre *a metódica de uma razão que só admite o sensível como seu alimento*, até, no polo oposto, um pensamento de tipo metafísico de irrefragável coloração espiritualista. E no centro, entre estas duas atitudes, essa longa série de aristotélicos, não só a mais numerosa, mas talvez a mais bem representada, já que Aristóteles é o pensador sempre presente em todos os momentos da especulação nacional.¹¹

6 - A Filosofia existencial de Delfim Santos

Entretanto, foi Delfim Santos pensando e expondo a sua filosofia existencial de signo heideggeriano, quer em textos publicados, como *Temática Existencial*, *Sentido Existencial da Angústia* ou *Filosofia como Ontologia Fundamental*, quer em textos inéditos em sua vida que constituíam talvez fragmentos de uma obra em elaboração, como os intitulados *Filosofia Existencial*, *Metafísica e Positivismo* ou *Heidegger*, reunidos também nas *Obras Completas*.

Nesta ordem de ideias, vem a corrigir algumas das conclusões expostas em *Conhecimento e Realidade*, em especial no que respeita ao primado da gnosiologia.

Realmente, na lição de Heidegger, Delfim Santos veio a afirmar que o pensamento não tem possibilidade de abarcar ou de conhecer, porquanto é, ele próprio, um modo de ser. Se pois o pensamento, *em vez de contrário ao ser é ainda um modo desse mesmo ser que pretende desvendar*, isso significa que o pensamento pressupõe e está contido no ser.¹² É uma perspectiva antagónica à de Kant, dos neokantistas e dos idealistas em geral, os quais inverteram a relação, considerando *o ser como derivado do pensamento e por tanto como problema derivado do problema do conhecimento*.¹³

Mas, muito pelo contrário, *se o pensamento é um modo de ser parcial*, acentua Delfim Santos, *não se encontra em condições de por si estabelecer uma correlação com todo o ser*. Por outras palavras, *o pensamento é um modo insuficiente de ser na compreensão do ser total*, ou ainda *o pensamento como modo de ser não é senão conhecimento parcial do ser*, o que vale tanto para a filosofia das ciências ou epistemologia (que não dispensa a mediação do pensamento, mesmo no seu experimentalismo) como para a metafísica (ao projetar o voo do espírito para regiões

¹¹ *Ibid.*, 454.

¹² *Ibid.*, 506 do texto publicado postumamente: *Filosofia Existencial - Fragmentos*, s/data.

¹³ *Ibid.*

outras que o sensível). Esta conclusão tem obviamente algum parentesco com a teoria do Ser e da Verdade de José Marinho.

O empirismo científico não logra pois atingir *o ôntico ou o ser não penetrado do pensamento* uma vez que *o ôntico só poderia existir antes de qualquer experiência de pensamento sobre as coisas*.

Daí a diferença entre o *ôntico*, inapreensível na realidade, e o *ontológico*, isto é, o saber dos homens sobre o ser, que só lhe é dado como sendo, isto é, como *dever do ser*, no qual todos os seres e o próprio homem estão implicados.

É no homem que *o problema do ser toma sentido filosófico* e por este motivo Heidegger, *na busca do ser do sendo, escolhe o homem como ponto de partida*.¹⁴

Porquê? Porque só o homem tem verdadeiramente *existência*, já que *existir significa manifestar um dentro para fora* e já que, diz citando Fernando Pessoa, *as coisas não têm dentro*.

Enquanto o modo de ser das coisas (uma pedra, um cão, por exemplo) *não é existência, mas resistência*, só o homem *tem modos de existência* e é desses modos de existência, é dos modos humanos de *estar no mundo*, que é possível partir-se na demanda ontológica para o ser, através do sendo.

A filosofia existencial *não escolhe como nível de partida o problema do conhecimento, mas outros mais fundos que orientam o conhecimento humano*, e que são próprios do homem e não das coisas e dos animais, como por exemplo a compreensão ou ainda sentimentos com carga metafísica como por exemplo o *aborrecimento*, a *melancolia* ou sobretudo a *angústia*, já antes considerada e estudada por Kierkegaard, mas a que Heidegger e os seus seguidores vieram a dar particular relevo.

É também assinalável o valor cognitivo que o pensador atribuiu à *crença*, dando-nos a sugestão, num texto de 1947, de uma via que não chegou a desenvolver como quereria. A seu ver, escrevia, *o pensamento e a crença são domínios que não se aniquilam, antes se completam, pois o pensamento radica na crença*. Aliás, *não sendo possível a demonstração racional da existência do mundo, ou mesmo da existência dos outros, é da crença que o homem necessita e mais ainda hoje que ontem; crença que o vitalize e lhe renove a esperança em si e nos outros*.¹⁵ Aqui ter-se-á aproximado pois da noção jasperiana da *fé filosófica*.

Outros pensadores, diga-se de passagem, privilegiaram diferentes tipos de sentimento, conferindo-lhes conotações vitalistas ou existencialistas de signo metafísico. É o caso antes de todos de Leonardo Coimbra, nomeadamente em A

¹⁴ *Ibid.*

¹⁵ *Crença, Obras Completas II, 9-10.*





www.delfimsantos.org

Alegria, a Dor e a Graça, e por isso Delfim Santos o considerou *um representante e um precursor do pensamento cristão existencial*,¹⁶ é o caso de Gabriel Marcel, existencialista cristão, com o seu ênfase no sentimento da *esperança*, Marcel que exerceu marcada influência em alguns pensadores portugueses, como Pedro de Moura e Sá, Sallette Tavares ou Carlos Branco; é o caso de Karl Jaspers, desenvolvendo a sua filosofia existencial em volta do sentimento ou da cifra do *fracasso*; e é o caso dos filósofos portugueses e galegos da *saudade*, tendo Teixeira de Pascoaes ou Rosalia de Castro como precursores, desde António Dias de Magalhães e Afonso Botelho até Ramon Piñeiro, Elias de Tejada ou Xesus Alonso Montero.

Em todos estes casos, e sob esta perspetiva fenomenológico-existencial, *se o ser é o que determina o sendo como sendo, e se o ser do sendo não é já sendo, é algo que o transcende*, então o ser do homem, manifesto na sua existência, é *transcendência*. E Delfim Santos conclui a sua exposição sobre *Filosofia Existencial* escrevendo: *A preferência do ser do homem, como existência, leva Heidegger a considerar a filosofia como analítica da existência, e o fundamento da metafísica não é pois teoria do conhecimento, mas sim teoria do ser, isto é, do ser do homem*.¹⁷

Noutro texto dedicado a Heidegger, Delfim Santos explica-nos o valor ontológico da angústia. Esta *não se determina em função de um aqui e agora*,¹⁸ o motivo da angústia *é o próprio facto de estar no mundo: é o estar no mundo que angustia o homem e o reverte ao seu próprio ser*. Mais explicitamente, escreve: *a angústia traz o homem do mundo das coisas em que se perdeu, ou do mundo dos outros, em que se esqueceu, para o seu próprio mundo. É uma função de deslocação do longínquo para o próximo*.¹⁹

O ser da existência, diz ainda, é a preocupação, e a preocupação radica no ser para a morte que o homem é. É esclarecedora a citação de Séneca, com que Delfim Santos encerra este seu ensaio: *"Entre as quatro naturezas existentes: terra, animal, homem e Deus, distinguem-se os dois últimos, homem e Deus, os únicos que são dotados de razão e por isto Deus é imortal e o homem mortal. Um realiza a sua perfeição pelo bem, que é a sua natureza; e o outro, o homem, realiza a sua perfeição pela preocupação"*.²⁰

7- Matriz leonardina e fundamentação antropológica existencial da pedagogia

¹⁶ Do prefácio a *Criacionismo (Síntese Filosófica)*, de Leonardo Coimbra, *Obras Completas II*, 265.

¹⁷ *Obras Completas I*, 507.

¹⁸ *Obras Completas II*, 368.

¹⁹ *Ibid.*, 368-69.

²⁰ *Ibid.*, 369.



www.delfimsantos.org

Se encontramos aqui como que uma sintonia entre o existencialismo e o estoicismo grego e romano, sintonia que Delfim Santos viveu e interiorizou ele próprio em sua postura vital, o nosso pensador não chegou, pelos motivos apontados, a organizar quer uma antropologia existencial, quer uma ontologia sistematizada. Como e em que sentido as formularia?

Não nos é lícito imaginá-lo, mas supomos que se encaminharia para um pensamento de base existencial, sim, mas talvez vivificado por raízes leonardinas e criacionistas de que o seu pensamento mostra traços visíveis, quer nos numerosos ensaios que dedicou a Leonardo Coimbra, quer em textos dispersos, de que destacamos os intitulados *Filosofia da Fidelidade*, *Aporética Criacionista*, *Natureza do Espírito*, etc.

Onde talvez melhor se nos revele esta direção é no campo da pedagogia, em que o filósofo nos deixou um abundante *corpus* bibliográfico desde que, logo em 1939, publicou nos Cadernos de Cultura Democratista, editados pelo *Movimento da Renovação Democrática*, o trabalho *Linha Geral da Nova Universidade*. Aqui refutando veementemente uma Universidade orientada, como disse, para *a defesa calculada da estética social*, preconizou uma *ação universitária* voltada para *o esforço de solidarização do homem com o homem e das pátrias com as pátrias*,²¹ uma escola de trabalho onde se fomenta não *o peso de um saber morto, mas o espírito da iniciativa, da crítica, curiosidade e inquietação pelos problemas do espírito*.²²

Neste primeiro tentame é visível a olho nu a influência de Leonardo Coimbra e do grupo da Faculdade de Letras do Porto, mas os seus numerosos escritos subsequentes nesta área de filosofia de educação conduzi-lo-iam pouco a pouco para uma síntese muito pessoal, produto da sua reflexão original e da sua experiência de professor e de pedagogo, mas onde sem embargo se pode rastrear, ao lado de acentuadas conotações existenciais, uma matriz aristotélico-leonardina. Tal é patente, por exemplo, no seu livro mais acabado e mais sintetizado em tal domínio, a *Fundamentação Existencial da Pedagogia*, de 1946.

Nesta obra, ao longo de quatro densos capítulos sobre a "Pedagogia como Ciência", "Vida e Aprendizagem", "Estrutura do Comportamento" e "Finalidade da Educação", Delfim Santos conduz o leitor subtilmente a entender *o sentido antropológico ou humano da educação, distinguindo-o do adestramento animal, com que tantas vezes se tem confundido*.²³

O sujeito da educação, diz, é o "homem transiente", o homem que se busca e se nos mostra no que é ainda inseguro e indefinido, tendendo para um nível de afirmação que se

²¹ *Ibid.*, 389.

²² *Ibid.*

²³ *Ibid.*, 491.



www.delfimsantos.org

*chama personalidade. O homem não é sempre o que quer ser ou que julga ser, nem tão-pouco é o que os outros pretendem que ele seja. Daí que a formação da personalidade seja um processo dramático que o pedagogo só poderá orientar positivamente respeitando o "caráter" do educando.*²⁴

A pedagogia fundamenta-se no trânsito do homem

*O homem, conclui, enquanto ser conveniente e na sua fase escolar, é um ser refratário a todo o estaticismo das visões teóricas. É o homem em trânsito e é a sua transitividade o tema fundamental da pedagogia. Educar é favorecer a mutação do homem, a partir do seu estado incipiente de compreensão até à máxima possibilidade de que for capaz.*²⁵

Aqui se espelha a lição de Aristóteles, para quem o homem é um ser em potência ou em virtualidade, que só se realiza no ato de ser homem, só se cumpre integralmente quando, encontrando-se com a sua identidade verdadeira, se perfaz ou atinge a perfeição que lhe é possível e que transporta em germe desde a sua origem.

Próximo de Leonardo Coimbra, escreve Delfim Santos noutra altura que o pedagogo só o é verdadeiramente, quando, *cada dia, e pelo contacto com o ambiente humano, que é o seu próprio, esteja sempre disposto a aprender, e portanto, a pôr de lado o que antes tinha seguro e certo.*²⁶ Não se trata, em educação, e agora o pensador adota a atitude existencial *do predominantemente adaptar o homem a qualquer coisa que lhe seja exterior, mas de o levar, a partir da sua posição radical – o estar no mundo – à compreensão dos valores que melhor lhe sirvam para orientação nas diferentes situações em que vier a encontrar-se.*

É em função da existência, assevera, que a educação tem sentido, pois viver é ser transiente, e deixar de ser a cada momento o que plenamente ainda se não é, mas que é necessário abandonar para ser talvez o que nunca se será.

A meta da pedagogia é ajudar a criança ou o adolescente a descobrir o seu próprio ser, que é o seu modo próprio de estar no mundo. Trata-se afinal de uma demanda da identidade e é a partir do seu encontro consigo próprio que o homem pode ser em plenitude, muito embora essa plenitude se lhe apresente sempre como um horizonte inatingido.

Considera por outro lado Delfim Santos que *educar é possível, mas não como atividade sistematizável em seus processos.*²⁷ Educar é possível, mas numa relação

²⁴ *Ibid.*

²⁵ *Ibid.*, 499.

²⁶ *Ibid.*, 498.

²⁷ *Ibid.*

pessoal de educador e educando, relação sempre diferente e sempre a recomençar caso a caso.

Neste ponto é fundamental a forma de estímulo característica a cada educador e que ele deve procurar no acordo com a sua própria inclinação. Delfim Santos dá o exemplo da ironia, escrevendo: *Desde Sócrates que o valor da ironia foi posto em relevo, e parece-nos ser esta uma das coordenadas fundamentais em que todo o ensino terá de basear-se para levar aquele que aprende ao encontro de si mesmo.*²⁸

A ironia como método

Ora o que é a ironia? Noutro texto, sobre a *História da Educação*, Delfim explicita-o: *ironia, em sentido socrático, consiste em fazer notar ao interlocutor que a objetivação de quem define é incorreta e imprópria.*²⁹ Assim, acrescenta noutro texto em que analisa o valor da ironia em Sócrates, e em Kierkegaard, *ela exprime a insatisfação do homem ante a realidade e é por isso o indício da libertação possível – libertação de tudo o que contraria o homem e o impede de ser ele mesmo.*³⁰ A ironia começa por ser ironia do homem sobre si mesmo e sem ela, segundo Kierkegaard, *não é possível ao homem realizar-se como personalidade, tal como a ciência não seria possível sem a dúvida.*³¹ Ela destrói, mas *destrói para criar, é enfim uma possibilidade poética na criação de novas imagens ao serviço da imaginação.*

Já em 1961, com o ensaio *Temática da Formação Humana*, o mais importante que compôs sobre o mesmo tópico depois da *Fundamentação Existencial da Pedagogia*, Delfim Santos reforça os princípios a que permaneceria sempre fiel, ao dizer que *toda a educação pressupõe uma antropologia, uma ciência do homem, pois sem conhecimento do homem, das suas possibilidades, das aptidões com que foi dotado, dos dons com que foi munido, não é possível teorizar um sistema de educação que seja válido e fecundo.*³²

E reafirma que *não há "homem" mas sim homens*, estes não podem pois ser submetidos aos mesmos métodos de educação, *sob pena de lhes ensinarem a fazer o que eles não podem fazer, criando assim pelo desajustamento entre as aptidões e as capacidades um descontentamento que não é benéfico nem para eles próprios nem para a sociedade a que pertencem.* Neste sentido, a educação deverá ter uma base

²⁸ *Ibid.*

²⁹ *Obras Completas III*, 295-96.

³⁰ *Ibid.*, 353.

³¹ *Ibid.*, 352.

³² *Ibid.*, 275.





www.delfimsantos.org

caracterológica, pois *o caráter de cada homem é o potencial de possibilidades de que dispõe para se organizar dentro do horizonte que ao seu tipo corresponde...*³³

³³ Síntese revista da conferência proferida pelo autor a 6 de Novembro de 1987, no encerramento das comemorações do 80.º aniversário do filósofo, organizadas pela Escola Secundária Prof. Delfim Santos, em Lisboa.